

ANEXO II - RESUMO EXPANDIDO

DIREITOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O MUSEU NO ASILO

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

Introdução: objeto e objetivos da pesquisa

Este resumo põe em cena o projeto de ação educativa “Cineclube Velhos Amigos”, que vem sendo desenvolvido no Museu da Inconfidência (IBRAM/MinC), em Ouro Preto (MG). Com nome inspirado na obra da pesquisadora Ecléa Bosí, a ação extramuros tem como objetivo a educação inclusiva através da arte e da cultura; mais especificamente, da produção cultural audiovisual, com o público da terceira idade. Baseando-se nos princípios apresentados na Recomendação da Unesco para proteção e promoção de museus e coleções, bem como no pensamento de teóricos como Ecléa Bosí, Marilena Chauí, Jean-Claude Carrière, David Anderson e André Malraux, busca-se igualmente refletir sobre a interação entre museus e públicos idosos, tendo como perspectiva a função social dos museus, a noção de direitos culturais e, por extensão, a arte como prática de educação inclusiva. Em sua origem etimológica, o termo ‘coleção’ advém do latim *colligare* e *collegere*: coletar, colher, juntar, reunir; e que, em seu rastro semântico, dialoga também com ‘ler, leitor, leitura’ (*legere*), criando campos de sentido muito mais amplos que apontam tanto para o bem cultural material (acervo) como para a cultura dinâmica e em constante interação com o meio social. Leituras de mundo, coleção de leituras/leitores; ao pensar o museu como lócus de preservação e promoção de coleções, sua função se refere não apenas ao patrimônio cultural material, mas à proposta de ações que tenha construam o museu como uma ponte entre mundo e matéria, entre cultura e sociedade. A Recomendação da Unesco de 2015 vai na mesma direção ao apresentar uma definição de coleção como “um conjunto de propriedades culturais e naturais, tangíveis e intangíveis, passadas e presentes”, salientando igualmente o papel dos museus quanto a “ampliar a inclusão social de populações vulneráveis” e no “desempenhar um importante papel no desenvolvimento de laços sociais e de coesão social, na construção da cidadania e na reflexão sobre identidades coletivas.” De forma ainda mais contundente, o documento afirma que os museus devem ser “comprometidos com o acesso físico e o acesso à cultura para todos, incluindo os grupos vulneráveis”. No que se refere às políticas funcionais do museu, o papel da instituição como ponte entre público e arte, cultura e mundo, fica evidente no documento: “A função social dos museus, juntamente com a preservação do patrimônio, constitui seu propósito fundamental”, facilitando o acesso de todos a novas tecnologias e sua interface com as artes, como é o caso do cinema. Quanto ao público idoso, não raro ele se encontra à margem da sociedade, dos museus – que o considera um “não público” – e, conseqüentemente, sem acesso aos bens culturais que poderiam ter impacto positivo em sua formação identitária, em sua qualidade de vida e no sentimento de pertencimento a uma coletividade. A filósofa Marilena Chauí nos lembra a importância de lutarmos pelos velhos pois estes são guardiões do passado, ligando o que foi e o porvir: *memini*, *moneo*, lembrar e aconselhar. Tal qual um semióforo, “seu valor não é medido por sua materialidade, e sim por sua força simbólica” (Chauí, 2006:117). Em uma sociedade baseada em valores capitalistas, o idoso é deixado de lado por não ser mais produtivo e, ainda, demandar ações e cuidados especiais, fomentando o isolamento e o esquecimento. Ora, e se a missão dos museus se situa justamente na preservação e na promoção da memória, se sua função é justamente o ‘fazer lembrar’ aos que já não têm direito à memória, como o Museu da Inconfidência poderia se abster de buscar um grupo socialmente esquecido? É justamente nessa lacuna que sua ação educativa propõe atuar: ser o elo entre o idoso e a comunidade, o mundo de fora e, mais especificamente, o museu; partindo da premissa de cultura como direito fundamental e universal, acessível a todos, especialmente aos que estão além do alcance do público tradicional do museu. Nesse sentido, o não direito à cultura se mostra então uma forma de banimento social.

Metodologia:

A linguagem audiovisual foi escolhida como produção cultural e ferramenta propícia para a interação com os idosos residentes do lar São Vicente de Paulo, única instituição de acolhimento de idosos na cidade, administrada pela Sociedade São Vicente de Paulo, subsidiada com recursos municipais e doações particulares. Atualmente, a instituição tem sob sua responsabilidade cerca de 80 residentes, sendo apenas 15 a 20 o número de idosos que demonstram autonomia física e/ou mental. Assim, a partir da noção de letramento visual e levando em conta as limitações motoras dos residentes, optou-se pelos filmes de curta, média e longa-metragem, que são exibidos uma vez por semana em um espaço do asilo conhecido pelo nome de sala do lazer. Como dificuldades iniciais podem ser destacadas: a separação entre homens e mulheres, que residem em alas diferentes e se encontram apenas no refeitório; a conquista dos idosos, pois deveríamos então persuadi-los a se deslocarem, com dificuldade, para assistirem a um filme; a falta de familiaridade com a narrativa audiovisual, considerando que era a primeira experiência cinematográfica para alguns residentes. Logo de início, pedimos autorização à direção da casa para reunir homens e mulheres na mesma atividade, o que foi concedido com certa resistência.

Para o roteirista e intelectual Jean-Claude Carrière, a memória de imagens pode ser mais forte e duradoura do que a de palavras e frases. Dessa forma, a seleção de filmes vem sendo pensada, planejada e adaptada a fim de atender às demandas do grupo de idosos espectadores, desenvolvendo simultaneamente suas competências de fruição estética e letramento audiovisual, bem como temas relacionados à identidade, à memória, ao sentido de coletividade, buscando produções que sobretudo apresentassem referências culturais que produzissem identificação e sentido nos idosos, em sua maioria provenientes de área rural. Além disso, o cineclube se tornou não apenas uma vivência educativa e estética, mas foi se construindo, pouco a pouco, como espaço de sociabilidade.

Conclusões:

Após dois anos e meio de projeto, já é possível registrar algumas transformações no grupo em relação aos filmes: a adesão às sessões são quase espontâneas, não sendo mais preciso persuadir os idosos a participarem; e, mudança ainda mais significativa, alguns do grupo começaram a pedir temas ou filmes específicos, manifestando vontade e autonomia. O grupo de participantes se consolidou como sendo quase o mesmo em todas as sessões, variando de 10 a 15 idosos, sendo 4 cadeirantes, 1 portadora de transtornos mentais e 1 com deficiência de fala. Em alguns dias, o número de espectadores alcança 20 idosos.

No entanto, se houve conquistas e adesões de novos participantes, houve também algumas perdas. Tais situações, embora inevitáveis, nos obrigaram a lidar com a perda e o luto de maneira firme, ainda que nos provocando melancolia e desânimo. As perdas, sobretudo os lutos, atingiam todo o grupo. E, como era de se esperar, vínculos também foram sendo formados entre nós e os idosos. Para finalizar, gostaria de registrar que, no que se refere à nossa metodologia, algumas observações e transformações foram especialmente significativas e dizem respeito ao projeto em geral: em primeiro lugar, percebe-se que é uma ação bastante dinâmica, que não nos permite a acomodação – ora achamos encontrar o foco em filmes de humor, eles se cansam; ora acreditamos que os curtas-metragens eram a solução, eles deram um retorno inesperado. A resposta dos idosos nos obriga a estar em constante movimento, nos adaptando à sua escuta, à sua fala, às suas demandas. A participação e a adesão ao cineclube são rítmicas, obedecem a um ciclo: às vezes mais numerosa, às vezes menos, tendo a influência de fatores como clima, missas, doenças, lutos, além de consultas médicas e rezas sendo realizadas ao mesmo tempo. Outra mudança significativa refere-se à concepção do cinema não apenas como ferramenta para trabalhar questões de memória, identidade; mas cuja função seja a arte em si mesma, pondo em cena a essência do papel social do museu: tornar a cultura acessível a todos.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, David. *Creativity, learning and cultural rights*. In: SANDELL, Richard & NIGHTINGALE, Eithne (eds.) *Museums, equality and social justice*. London & New York: Routledge, 2012.
- BÓSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORDEAUX, Marie-Christine. *Du service éducatif au service culturel aux musées*. *Bulletin des Bibliothèques de Frances*, n.3, 2013.
- BOURGÈS, Jean-Luc, *Musées et seniors : chronique d'une rencontre annoncée*, *La Lettre de l'OCIM* (online), 133 | 2011, disponível em: <http://ocim.revues.org/657>
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.
- _____. Os trabalhos da memória: apresentação à obra de BÓSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17-36.
- CHIOVATTO, Milene; AIDAR, Gabriela. Pensar a educação inclusiva em museus a partir das experiências da Pinacoteca de São Paulo. *Museologia & Interdisciplinaridade*, vol. 3, n.6, março/abril 2015, p.135-148.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Seção II, DA CULTURA, Art. 215, 1988.
- FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. São Paulo: Annablume, 2008.
- MALRAUX, André. *La politique, la culture*. Paris: Gallimard, 1996.
- SILVA, Edson Rosa da. *O museu imaginário e a difusão da cultura*. *Revista Semear* 6, PUC/RJ, disponível em http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/6Sem_14.html
- MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano Nacional de Cultura*, 2010. disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm
- _____. *Estatuto de Museus*, 20019. disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm
- UNESCO. *Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade*, Paris, 2015. Tradução: IBRAM, 2017. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002471/247152por.pdf>